



## O ensino remoto e o conceito de heutagogia na pandemia de 2020 na Rede Pública Estadual de Ensino da Paraíba

Remote teaching and the concept of heutagogy in the 2020 pandemic in the Paraíba State Public School System

**Luciênio de Macêdo Teixeira**  <https://orcid.org/0000-0003-3645-2108>

Universidade Federal de Campina Grande

E-mail: [lucienio.teixeira@ufcg.edu.br](mailto:lucienio.teixeira@ufcg.edu.br)

**Maria Rosilene Gomes Flôr**  <https://orcid.org/0000-0002-0957-5287>

Universidade Federal de Campina Grande

E-mail: [roflor08@gmail.com](mailto:roflor08@gmail.com)

**Danielle Pinto de Alvarenga**  <https://orcid.org/0000-0003-1923-3851>

Universidade Federal de Campina Grande

E-mail: [daniellepinto.a@hotmail.com](mailto:daniellepinto.a@hotmail.com)

### Resumo

A mudança de paradigma educacional constitui uma necessidade da educação contemporânea. Contudo, ela deve ocorrer de forma planejada, envolvendo aperfeiçoamento docente, familiarização discente com as novas tecnologias e aplicações utilizadas e, especialmente, disponibilização, para docentes e discentes, das tecnologias necessárias. Na Rede Estadual de Ensino da Paraíba, a mudança de paradigma educacional ocorreu de forma repentina por causa da pandemia da COVID-19, impondo a professores e alunos a utilização de plataformas e redes sociais para implementar o ensino remoto e assim cumprir o ano letivo em 2020. Diante desse contexto, este estudo tem o intuito de descrever a situação inicial da implantação do ensino remoto em uma escola da rede estadual na cidade de João Pessoa e analisar a modalidade de ensino remoto após 120 dias de sua implementação. Para alcançar estes objetivos, desenvolvemos uma pesquisa de cunho qualitativo descritivo, com uma abordagem hermenêutica na avaliação dos dados e fatos, tendo como conceito balizador o de heutagogia, como uma necessidade imposta à comunidade acadêmica nestes dias. Como instrumento de coleta de dados utilizamos o questionário, que foi aplicado por meio do *Google Forms* com onze docentes lotados no lócus do estudo. Os resultados obtidos indicam pontos positivos e negativos após a implementação do ensino remoto nesta rede de ensino, onde destacamos de um lado a continuidade e a garantia do cumprimento do ano letivo de 2020 e por outro lado, a evasão e a baixa adesão dos alunos por haver, em alguns casos, apenas um único dispositivo no domicílio para uso de várias pessoas.

**Palavras-chave:** Tecnologia Educacional. Heutagogia. Educação a distância.

### Abstract

The educational paradigm shift is a necessity for contemporary education. However, it must take place in a planned manner, involving teacher improvement, student familiarization with the new technologies and applications used and, especially, availability, for teachers and students, of the necessary technologies. In the Paraíba State Education Network, the educational paradigm shift occurred suddenly due to the COVID-19 pandemic, imposing on teachers and students the use of platforms and social networks to implement e-learning and thus fulfill the school year in 2020. Given this context, this study aims to describe the initial situation of the implementation of remote education in a state school in the city of João Pessoa and to analyze the modality of remote education after 120 days of its



implementation. To achieve these objectives, we developed a qualitative descriptive research, with a hermeneutic approach in the evaluation of data and facts, having as a guiding concept that of heutagogy, as a necessity imposed on the academic community these days. As a data collection instrument, we used the questionnaire, which was applied through Google Forms to eleven professors located in the study site. The results obtained indicate positive and negative points after the implementation of remote education in this education network, where we highlight on the one hand the continuity and the guarantee of the fulfillment of the 2020 school year and, on the other hand, the dropout and low adherence of students by there may be, in some cases, only a single device in the household for use by several people.

**Keywords:** Educational technology. Heutagogy. E-learning.

## Introdução

A pandemia provocada pelo novo coronavírus originou uma série de transformações, em todo o mundo, nos mais diferentes setores da sociedade civil, afetando desde atividades simples do cotidiano, como a convivência em família, cumprimentos com contato físico, a ida ao supermercado, atividades em grandes empresas, o deslocamento de pessoas no âmbito do território nacional e internacional, entre tantas outras atividades que outrora eram consideradas comuns e passaram para o *status* de não essencial.

Dessa forma, algumas atividades foram suspensas por determinados períodos, outras poderiam ser realizadas conforme um padrão de segurança sanitária adotado e, por fim, outras permaneceram sendo realizadas de forma não presencial, como é o caso da educação formal na Rede Estadual de Ensino na Paraíba, culminando com uma mudança de paradigma educacional repentina para professores e alunos.

Assim, o Governo Estadual da Paraíba implementou o ensino remoto como forma de não comprometer o ano letivo de 2020. Esta situação despertou em nós os seguintes questionamentos: Como ocorreu a implantação do ensino remoto na Rede Estadual de Ensino da Paraíba? Que aspectos mais se destacam após o período de 120 dias da implantação do ensino remoto na Rede Estadual de Ensino da Paraíba?

Nesse contexto, buscamos descrever a situação inicial da implantação do ensino remoto em uma escola da rede estadual na cidade de João Pessoa para, então, analisar a modalidade de ensino remoto após 120 dias de sua implementação, considerando o conceito de heutagogia nas abordagens realizadas.

A heutagogia está intrinsecamente implicada nessa modalidade de ensino. De acordo com pesquisadores dessa temática, como Securatto (2017), a heutagogia está relacionada a um modelo de aprendizagem onde o aluno gerencia o seu próprio processo de construção de conhecimentos, dando à ele um sentimento de liberdade e de controle sobre o seu aprender no ambiente de aprendizagem formal. Além de envolver a heutagogia, a modalidade de ensino remoto também envolve aspectos vinculados à incorporação de tecnologias digitais nos processos escolares e, consequentemente, abrange também os novos letramentos.

Para Street (2014) a escola deve considerar e valorizar os letramentos que o aluno leva para a sala de aula. Isso pressupõe desenvolver processos de ensino e aprendizagem a partir das experiências e práticas sociais de leitura, escrita e oralidade que o aluno desenvolve em seu contexto social, como aquelas utilizando as tecnologias digitais que remetem ao letramento digital.



Nesse contexto de imbricações que a temática do ensino remoto abarca, pretendemos responder às inquietações que deram origem a este estudo, com base na relação entre três pontos fundamentais: a incorporação de tecnologias digitais nos processos escolares, a modalidade de ensino remoto e a heurística.

Para alcançar este objetivo, desenvolvemos um estudo de natureza qualitativa descritiva, já que a vivência prática e em tempo real, de todo o processo, permitiu descrever e conhecer a realidade da comunidade escolar a partir dos fatos vividos.

Inicialmente, apresentamos a contextualização da implementação do ensino remoto na Rede Estadual de Ensino da Paraíba, como também trazemos algumas contribuições teóricas abordando a utilização de tecnologias digitais nos processos de ensino e aprendizagem. Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada neste estudo, a discussão dos resultados nos quais descrevemos o contexto inicial de execução do ensino remoto na Rede de Ensino citada, analisando aspectos positivos e negativos dessa modalidade de ensino após 120 dias de sua implementação, apresentando, por fim, nossas considerações.

## O contexto educacional da Paraíba durante a pandemia

Em fevereiro do ano de 2020, no dia 26, o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de coronavírus (Covid-19) em território brasileiro, a cidade foi São Paulo<sup>1</sup>. Dessa data em diante, como uma avalanche, as notícias – cada vez menos auspiciosas – e os números, tenderam a crescer exponencialmente. Em poucos dias, vários municípios brasileiros, em especial as capitais e as grandes cidades do interior, passaram por um período de incertezas, medos e implantação de medidas chamadas de isolamento social ou quarentena.

Na Paraíba, o primeiro caso registrado ocorreu em 18 de março, na cidade de João Pessoa<sup>2</sup>, sendo que as medidas de isolamento social, no âmbito escolar, tiveram início com a determinação do Governo do Estado da Paraíba de antecipar as férias escolares para o período de 19 de março a 18 de abril de 2020. Dessa data em diante, uma série de decretos foram emitidos pelo Governo do Estado da Paraíba, tendo início com um decreto de Calamidade Pública, em 21 de março – que suspendia atividades em ginásios, *shoppings*, bares, restaurantes, cinemas, embarcações e a redução da oferta de transportes públicos. A vigência foi de 15 dias, sendo que em 4 de abril, o Governador do Estado da Paraíba renovou o decreto anterior e em 16 de maio ampliou o isolamento abrangendo todos os municípios da Paraíba, no Decreto Nº 40.242 (PARAÍBA, 2020b).

A série de decretos impôs às escolas da rede pública e privada – incluindo as universidades e faculdades – a suspensão das aulas presenciais, inicialmente até 3 de maio de 2020. No entanto, a cada fim de validade de um decreto, um novo era publicado, fazendo com que – até a data deste artigo, outubro de 2020 – todas as

---

<sup>1</sup> BRASIL confirma primeiro caso do novo coronavírus. **Governo do Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 01 out. 2020.

<sup>2</sup> PARAÍBA confirma primeiro caso de coronavírus. **Governo do Estado da Paraíba**, 2020. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/paraiba-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus>. Acesso: 01 out. 2020.



atividades escolares presenciais continuassem suspensas nas redes federal, estadual e municipal, em escolas públicas ou privadas.

Como alternativa para minimizar as consequências negativas da suspensão das atividades de ensino presenciais, o Governo do Estado da Paraíba, em sua Rede de Ensino, resolveu adotar um regime especial. A data de lançamento foi o dia 20 de abril e o início das atividades uma semana depois. A Portaria Nº 418/2020 (PARAÍBA, 2020c) previa a abertura de uma formação para o corpo docente – sobre o uso de tecnologias educacionais – e a disponibilização de 100 tutores que seriam responsáveis por esta formação, tudo isto no prazo de uma semana.

## **COVID 19: Regime especial de Ensino**

O período de isolamento social trouxe inúmeras transformações e desafios em todas as dimensões da vida humana. A evolução tecnológica impactou, visivelmente, na forma de organização social e profissional nos mais variados espaços e refletiu nas formas de comunicação e conexão entre os indivíduos.

Dentre as instituições sociais que têm sentido as transformações decorrentes do isolamento social causado pela Covid-19, destacamos especificamente a escola, por ser responsável pelo desenvolvimento dos indivíduos durante sua formação no ambiente formal de educação. Diante disso, podemos dizer que o uso das tecnologias digitais, no ambiente escolar, passou a ser uma alternativa durante o regime especial de ensino adotado pelas escolas estaduais da Paraíba.

As mudanças advindas da pandemia da Covid-19 trouxe um novo jeito de aprender e ensinar, e uma das manifestações mais visíveis dessas mudanças foi a ampliação do uso das tecnologias digitais nas múltiplas áreas de atividades sociais e humanas, refletindo de forma direta na área educacional. Diante desse contexto, para atender as demandas emergentes, a Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT-PB), dispôs, através da Portaria Nº 418/2020, em 17 de abril de 2020 “[...] a adoção, no âmbito da rede pública estadual de ensino da Paraíba, do regime especial de ensino, como medida preventiva à disseminação do COVID-19” (PARAÍBA, 2020c, p. 2). Vejamos:

Art. 5º A fim de que seja garantida a execução das estratégias estabelecidas para a implementação de atividades pedagógicas durante o período de regime especial de ensino, a SEECT irá expedir orientações específicas para o planejamento pedagógico, bem como promover curso de formação de professores para a utilização das tecnologias educacionais para planejamento pedagógico e organização das aulas.

Neste sentido, a SEECT-PB ofereceu o curso de formação para professores, diretores, coordenadores e equivalentes da Rede Estadual de Ensino da Paraíba. Essa formação não teve um caráter contínuo, sendo uma ação específica voltada à necessidade de oferta de treinamento técnico, mediante a adoção da plataforma *Google Sala de Aula* durante o período de suspensão das aulas presenciais. A formação, realizada pelo Programa de Educação Profissional e Tecnológica do Estado da Paraíba (PARAIBATEC), teve por objetivo possibilitar reflexões acerca de usos didáticos e pedagógicos de ferramentas e de recursos disponibilizados que podem ser utilizados de forma integrada ao *Google Sala de Aula: Google Drive, Google Docs e Google Formulários*.



Com relação à formação docente, discorre o Art. 5º, §1º da PORTARIA Nº 418/2020, que: “O curso de formação de professores ocorrerá em caráter de excepcionalidade, antes do início do regime especial de ensino, com data amplamente divulgada pela SEECT” (PARAÍBA, 2020c). Conforme as datas divulgadas, a formação ocorreu de 20 a 24 de abril de 2020, nos ambientes virtuais do *Google Sala de Aula*, onde foram criadas turmas com instruções sobre o acesso e disponibilizado aos professores, coordenadores e gestores através do e-mail institucional. As atividades propostas durante o período de formação foram voltadas ao uso das ferramentas integradas ao *Google Sala de Aula*, conforme mencionamos anteriormente.

O curso foi dividido em dois módulos para professores e em três módulos para gestores e coordenadores. Ao concluir a formação, os cursistas tiveram direito ao certificado do curso intitulado “*Google Sala de Aula* para Gestão de Atividades Remotas no Regime Especial de Ensino”, com carga horária de 24 horas para gestores e coordenadores, e 20 horas para professores, na modalidade à distância.

## Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa de cunho descritivo. Nesse tipo de pesquisa, os dados coletados permitem descrever a situação em estudo com base em relatos, observações, fotografias e vídeos, por exemplo.

Utilizamos como aporte teórico as contribuições de pesquisadores que vêm se dedicando aos estudos relacionados à incorporação de tecnologias digitais nos processos escolares, como Moreno (2013) e Coscarelli (2016). A incorporação dessas tecnologias favorece a mudança de paradigma educacional, o que nos remete à modalidade de ensino remoto, abordada neste estudo com base em Onrubia, Colomina e Engel (2010) e ao conceito de heutagogia, segundo Securatto (2017).

No intuito de melhor contextualizar e embasar as abordagens relacionadas ao início da implantação da modalidade de ensino remoto na Rede Estadual de Ensino na Paraíba, recorreremos às normativas e decretos publicados pelo Governo Estadual para orientar e referendar a adoção dessa modalidade de ensino.

Nossa pesquisa tem como lócus uma escola da Rede Estadual de Ensino da Paraíba localizada na cidade de João Pessoa. O motivo que justifica nossa escolha por esse estabelecimento está relacionada à nossa inserção nesse ambiente escolar como profissionais da educação, fator esse que nos proporcionou uma vivência com todo contexto de implantação da modalidade de ensino remoto.

Nesse sentido, na busca de complementar nossas observações e vivências no lócus da pesquisa, aplicamos um questionário *on-line* a partir do *Google Forms* com onze professores que exercem a função docente em diferentes disciplinas do Ensino Médio dessa escola. O questionário abordava questões relacionadas ao uso de dispositivos móveis e à modalidade de ensino remoto.

Após a coleta dos dados, realizamos leituras flutuantes das informações obtidas para então realizar a análise e discussão à luz da hermenêutica. Assim, apresentamos a seguir o contexto de implantação da modalidade de ensino remoto na Rede de Ensino já mencionada.





## O início do regime especial

O Regime Especial de Ensino da Rede Estadual da Paraíba tem trabalhado com essa nova proposta de aulas remotas neste período de pandemia. As aulas *on-line* têm gerado inúmeros questionamentos por parte dos docentes e discentes, sendo que muitos nunca passaram pela experiência de lidar com as tecnologias como mediadoras do processo de ensino e aprendizagem, outros ainda apresentam dificuldades para manusear tais ferramentas. Estudantes também foram pegos de surpresa, mesmo estando imersos nos mais variados espaços de uso de tecnologias e redes sociais, ainda assim sentiram o impacto de, a partir desse momento, a sala de aula se tornar totalmente *on-line* através do ambiente virtual de aprendizagem *Google Sala de Aula*.

A partir do exposto, a Secretaria de Educação disponibilizou a plataforma *on-line* "ParaíbaEduca", que coleta todas as informações sobre o sistema especial de ensino, bem como recursos educacionais, documentos legais e pedagógicos. Esta plataforma também orienta e promove o contato direto entre alunos, professores, gestores e SEECT.

Além da plataforma ParaíbaEduca foram utilizados os seguintes recursos:

- *Google Sala de Aula*: onde foram ofertados cursos e aulas *on-line* que foram organizados pela própria escola, para as turmas matriculadas na Plataforma SABER da SEECT.
- Aplicativo Paraíba Educa: com a função de possibilitar o acesso dos estudantes e professores ao *Google Sala de Aula* e à Plataforma SABER.
- Vídeo-aulas: a SEECT forneceu grades de programação para todos os estágios de ensino para exibição em canais abertos em diferentes regiões do estado.
- Redes sociais: O *WhatsApp* e *Instagram* se tornaram ferramentas de interação entre equipes escolares, estudantes e famílias em grupos oficiais das turmas criados por cada escola. Elas também foram usadas para enviar roteiros de atividades estruturadas para famílias e alunos.
- Aulas *on-line*: Escolas Estaduais da Paraíba têm usado o aplicativo *Google Meet* para permitir que os professores deem aulas todos os dias. Cada aula tem duração de uma hora, distinguindo apenas português e matemática, com duas horas de aula por turma.

Vale ressaltar que, para quem não tinha acesso aos recursos disponibilizados, algumas estratégias foram utilizadas, ou seja, quando a direção constatava que os alunos não podiam acessar as plataformas ou redes sociais disponíveis, os materiais eram distribuídos em formato impresso. Cada escola ficou responsável para definir a logística de distribuição, de acordo com sua situação real, em diálogo com a Gerência Regional e a SEECT.

Para Onrubia, Colomina e Engel (2010) cabe ao professor atuar no ambiente virtual de aprendizagem como facilitador e dinamizador da participação dos alunos, fator esse que implica outros papéis a este profissional, como papel social, intelectual, técnico, avaliador e organizativo. Nesse contexto, a função do professor é ampliada e demanda desse profissional mais empenho e tempo para organizar o processo de ensino em um ambiente totalmente digital, muitas vezes desconhecido e pouco explorado por muitos professores.

Os alunos usuários do *Google Sala de Aula* podem acessar a plataforma em qualquer lugar e a qualquer momento, desde que tenham acesso a Internet. Assim, eles podem responder às perguntas lançadas pelo professor, postar novos questionamentos, comentar a resposta do colega, interagir com outros estudantes e com o professor, de forma pública ou privada, através de mensagens; além de enviar atividades, visualizar *feedback* do professor em relação às atividades postadas e ter acesso aos materiais disponibilizados.

Na sala de aula virtual, os processos colaborativos de aprendizagem ocorrem a partir da interação entre professor-aluno e entre aluno-aluno nos *chats*, fóruns e mensagens privadas. Todavia, a incorporação de tecnologias digitais nos processo de ensino e aprendizagem configuram um fenômeno implicado em um contexto de transformações que impactam as mais diferentes esferas sociais.

## O impacto das tecnologias digitais

A contemporaneidade tem sido palco de constantes inovações e transformações ocorridas no âmbito das tecnologias digitais, que por sua vez afetam os mais diversos setores da sociedade, sendo essas alterações reflexos do fenômeno da globalização e de ações, pesquisas e projetos desenvolvidos, muitas vezes, por pessoas nascidas nesse contexto da era digital e que cresceram envoltos com a utilização de tecnologias no seu cotidiano.

Da mesma forma que os períodos de conflito bélico são oportunidades para o desenvolvimento tecnológico – vide a Segunda Guerra Mundial e o desenvolvimento do computador, por exemplo – as comoções mundiais também apresentam seus males, mas também podem reduzir o tempo necessário para a implantação de soluções. Não se quer dizer com isso que nenhuma e nem outra sejam benéficas, mas do ponto de vista da ciência e do conhecimento, ambas as situações são palco para grandes descobertas e/ou mudanças de paradigmas.

Nesse sentido, por exemplo, Moreno (2013, p. 114) afirma que “[...] a história das tecnologias digitais aplicadas à produção, distribuição e consumo de informação, conhecimento e cultura começa com a invenção do computador”. O resultado disso, num espaço relativamente curto de tempo, foi o surgimento, a expansão e evolução da Internet, acentuando esses processos e impulsionando o surgimento de uma multiplicidade de ações na rede mundial, onde o usuário deixa de ser mero receptor de informações e tem a possibilidade de interagir com outras pessoas, criar e compartilhar conteúdos digitais a qualquer hora e em qualquer lugar, entre tantas outras ações favorecidas pela *web 4.0*.

As tecnologias utilizadas para ler e escrever também mudaram ao longo do tempo, tendo evoluído do papiro, passando pelo papel e chegando até a tela digital e, de igual modo, indo da talhadeira, passando pela pena e a tinta, desembocando no lápis e hoje na tela sensível ao toque. E tudo isso em virtude do desenvolvimento das tecnologias digitais e da demanda do usuário que “[...] busca conforto, eficiência, eficácia, portabilidade e compreensibilidade [...]” (RIBEIRO, 2017, p. 126 e 127).

Antes do surgimento da pandemia de Coronavírus, o contexto brasileiro, em especial o paraibano, no que diz respeito ao uso de tecnologias voltadas ao processo de ensino e aprendizagem era composto de algumas iniciativas estatais – por meio de programas como o *Google For Education* e Educação Conectada – ou de alguma



escola isoladamente. Deve-se perceber que há aqui uma falta de sincronia – ou de como apresentar e implementar efetivamente esses programas – entre a realidade escolar e a realidade social, já que a Internet e os dispositivos móveis têm expandido e aumentado a possibilidade de acesso à rede no uso cotidiano, facilitando a comunicação e a interação entre os usuários.

De acordo com os resultados da pesquisa domiciliar de TIC 2019, o Brasil tem 134 milhões de usuários com acesso à Internet. Em relação à conectividade domiciliar, 71% dos domicílios brasileiros possuem Internet. Em relação ao uso de dispositivos móveis, o celular é o principal dispositivo de acesso à Internet e quase todos os usuários da rede (99%) o utilizam (Cetic.br, 2020)<sup>3</sup>. Nesse sentido, as comunicações móveis levam a transformações no espaço interativo, que agora são definidas no fluxo de informações. Nos últimos anos, não só vimos a comunicação proporcionada por essas tecnologias, mas também que precisamos usar suas características para facilitar o processo educacional. De acordo com a pesquisa de Tomaél (2005) a aquisição de informações ocorre a qualquer momento, sem nenhum esforço para nós, por meio do relacionamento com o outro ou por meio da mídia.

Mas, ao se voltar para a realidade escolar, ainda nos deparamos com professores que não estão familiarizados com a utilização das ferramentas disponibilizadas por meio das Tecnologias Contemporâneas (TC) nos espaços escolares. Isto se dá por (i) não se sentirem à vontade para fazer uso; às vezes (ii) por falta de contato com essas ferramentas; outras vezes (iii) por não terem na sua formação acadêmica uma vivência pedagógica que pudessem se apropriar das mais variadas possibilidades tecnológicas antes de utilizar em sala de aula. Há aqui uma dicotomia entre os números: os que indicam uma inserção das TC em dois terços da população brasileira, e a realidade escolar. Assim, no momento atual, devido ao isolamento social, escancarou uma dissociação entre o avanço tecnológico na sociedade, com um corpo docente ainda em formação e capacitação no intuito de compreender o uso da tecnologia contemporânea no ensino e na aprendizagem.

Essas novas práticas sociais de comunicação, também conhecidas como novos letramentos, delineiam um desafio complexo para a escola na contemporaneidade. Conforme explica Rojo (2010), a escola ainda não tem demonstrado saber lidar e valorizar as diversas práticas de letramentos<sup>4</sup> trazidas para a sala de aula pelos discentes e até mesmo pelos docentes. Além disso, a autora ressalta a existência de dificuldades desses letramentos sociais dialogarem com os letramentos dominantes oriundos das esferas literárias, jornalística, da divulgação científica e da própria escola, acrescido do fato dos letramentos da sociedade urbana contemporânea terem evoluído e se modernizado numa velocidade rápida nas três últimas décadas.

Street (2014) amplia o campo de visão acerca dos letramentos sociais. Ele reconhece a multiplicidade de letramentos praticados no contexto social, como aqueles usados nas comunidades, em casa e em práticas informais e afetivas e enfatiza a necessidade

---

<sup>3</sup> Documento na íntegra disponível em: <https://www.cetic.br/pt/noticia/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-Internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/>. Acesso em: 25 set. 2020.

<sup>4</sup> Não entraremos aqui no mérito da abordagem dos tipos de letramentos como o letramento escolar, jornalístico, literário, acadêmico, digital, jurídico, matemático, religioso, entre outros tratados na literatura educacional. Sobre este tema sugerimos os estudos realizados por Street (2014), Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), Kleiman (1995), Soares (2003) e Rojo (2009).





desses letramentos sociais serem reconhecidos, valorizados e entendidos em sua riqueza e significados.

Isso posto, é fundamental que a escola adeque o currículo na busca de contemplar em suas práticas a construção de conhecimentos baseada nas demandas do aluno, nas práticas socioculturais que permeiam sua realidade e nas linguagens e tecnologias digitais que ele utiliza em seu cotidiano. A propósito disso, Mendonça (2018) afirma que utilizar tecnologias digitais para a construção de conhecimentos na escola constitui um desafio implicado em fatores relacionados ao conhecimento e fluência na utilização desse tipo de tecnologias, assim como também envolve novos procedimentos de estudo, pesquisa e registros por parte de docentes e discentes.

Corroborando essa ideia, Coscarelli (2016) ressalta a importância de a escola discutir e se apropriar das tecnologias digitais com vistas a promover um ensino significativo para o aluno, no sentido do uso não ficar restrito à mera utilização como recurso de apoio ao ensino e aprendizagem, mas que vá além e ofereça possibilidades para que o aluno possa incorporar essa utilização em sua vida de forma ética e responsável.

Assim, a incorporação de tecnologias digitais, como computador, *notebook*, *tablet* e *smartphone* nos processos de ensino e aprendizagem favorecem a utilização pedagógica de aplicativos, redes sociais, sítios eletrônicos, sala de aula virtual, *softwares*, entre outras possibilidades de usos capazes de desenvolver habilidades e competências relacionadas ao âmbito da cultura digital na contemporaneidade.

Quando consideramos o contexto excepcional que estamos vivendo, não encontramos espaço para questionar se precisamos ou não introduzir as tecnologias da informação e da comunicação nos processos de ensino e aprendizagem, pois o momento nos remete a pensar em novas estratégias para ensinar e aprender, em soluções para a oferta de ensino para estudantes nesse período de pandemia, seja nos ambientes virtuais de aprendizagem, nas redes sociais, no *Youtube*, *Facebook*, *WhatsApp* entre outros.

No entanto, postas as mudanças bruscas provocadas pela suspensão das aulas presenciais e pelo distanciamento social, mais precisamente as escolas estaduais da Paraíba, no qual este artigo se propõe a dialogar, vem oferecendo como forma de apoio à aprendizagem dos estudantes a oferta de ensino remoto enquanto durar o fechamento das escolas. Dessa forma, as instituições de ensino precisam apoiar os estudantes e fornecer recursos de aprendizado, sejam digitais, impressos ou pela TV. Os professores, por sua vez, precisam estar capacitados para atuarem nessa nova realidade. Diante desse cenário, o uso de dispositivos móveis e da Internet se torna mais indispensável do que nunca.

Todavia, vale ressaltar que a utilização de tecnologias digitais como expositores de conteúdos ou fontes de pesquisa, substituindo tecnologias analógicas como o livro didático e a lousa, denotam que o ensino permanece engessado nas práticas tradicionais, sendo necessário que o professor incorpore juntamente com a utilização de tecnologias digitais, metodologias inovadoras e diferenciadas de acordo com seus objetivos de ensino e recursos utilizados.

Diante desse cenário, onde o ensino tradicional pode prevalecer mesmo em situações de utilização de tecnologias digitais, ganha destaque o papel desempenhado pelo docente, que deve aperfeiçoar constantemente suas práticas e metodologias de ensino, mediando situações de experiências do aluno com as tecnologias digitais utilizadas no âmbito escolar.

Assim, a diversidade de tecnologias digitais, de práticas e metodologias, como também a multiplicidade de linguagens e expressões culturais devem ser observadas no planejamento e na prática docente no intuito de aproximar os processos escolares da realidade sociocultural do aluno, favorecendo que este atribua significado aos conhecimentos construídos na escola.

## **As ferramentas digitais e o humano: sobre o conceito de heutagogia**

A tecnologia e as técnicas nunca estiveram tanto em voga quanto hoje. Há quase que um “endeusamento” cartesiano das mesmas, em que a propaganda feita é baseada na idealização da perfeição com que uma máquina realiza determinada atividade. Esta visão da tecnologia não está, de muito, errada. O fato é que técnica e tecnologia possuem como premissas o melhoramento das relações humanas – seja com o meio em que se vive, seja com o outro – na medida em que permitiu, ao longo dos séculos, uma série de avanços que impactaram na qualidade de vida, na oferta de alimentos, nas descobertas científicas etc. Não trataremos aqui dos muitos “efeitos colaterais” advindos pelo uso da tecnologia e a razão disso está logo abaixo.

Partindo da premissa que as tecnologias contemporâneas voltadas à educação são ferramentas tais quais as que se aplicam em outras áreas do conhecimento, resta compreender que seu uso necessita de certa competência de compreensão e de expressão. Saber utilizar uma ferramenta de forma adequada e correta, exige a compreensão de seu potencial e se há, de fato, a possibilidade material – o que inclui o conhecimento da matéria trabalhada e do tempo necessário para sua manipulação. Por exemplo, tal competência definirá se uma ferramenta é melhor que outra ou se há tempo hábil para seu uso e efetivo sucesso. Já a competência da expressão se faz necessária a partir da prática, que é quando o utilizador da ferramenta demonstra seus conhecimentos e habilidades.

Se o leitor transportar tais conceitos para as ferramentas digitais voltadas à educação, vislumbrará que nos casos concretos há a necessidade de ambas as competências. Parafraseando Mitcham, para um uso efetivo de uma ferramenta educacional, cabe ao docente (i) conhecer, seus objetos (por exemplo, menus, interfaces, glossário etc.); (ii) compreender qual o modo próprio de se lidar com o conhecimento a partir daquela ferramenta; (iii) absorver a forma específica de uso e (iv) que é necessário a vontade/desejo em utilizá-la (MITCHAM, 1994).

Mitcham, ainda falando sobre o impacto tecnológico, vai nos dizer que:

Considerar a tecnologia como volição, portanto, aponta para a necessidade de uma análise ética da tecnologia. Mas também sugere a necessidade de ir além das análises éticas tradicionais em pelo menos dois aspectos. Em primeiro lugar, a filosofia moral tradicional falha em fornecer uma explicação adequada sobre as volições tecnológicas descritas por frases como “vontade de controle”, “vontade de poder” ou mesmo “a busca de eficiência”. Em segundo lugar, embora as análises éticas tradicionais considerem a relação entre diferentes entendimentos do bom e certas instituições humanas (Estados, currículos educacionais, estruturas familiares, sistemas econômicos etc.), elas não começam a abordar, exceto de maneiras bastante limitadas, a correspondência entre entendimentos diferentes do bem e da tecnologia. (MITCHAM, 1994, p. 259, tradução nossa).



É nesse sentido que avanço tecnológico se desdobra entre o próprio avanço em si e as possibilidades negativas que são fruto da ausência de controle, ou de poder, sopesando custos e benefícios de uma ferramenta tecnológica.

Aqui é que o tempo se torna muito importante, já que a relação promovida entre uma descoberta tecnológica, seu uso efetivo e se haverá um balanço positivo quanto ao seu impacto individual e coletivo, terá no tempo seu resultado final. O tempo também é responsável pela maturação, experimentação e depuração do processo, de seus objetos e de modificar o ser humano ao final.

Mas e quando não há o fator tempo? Conforme relatado anteriormente, a pandemia trouxe o ensino remoto, fazendo com que o docente fosse obrigado a sair de sua zona de conforto – o ensino presencial, já decantado e experimentado há muito tempo – e a “redescobrir” a existência de tecnologias educacionais para o agora chamado ensino remoto. O impacto primeiro e direto foi no tempo: não há mais aquela compartimentação em que professor e aluno compartilham um determinado momento do dia. Com as TC a qualquer momento pode haver a interação.

O segundo impacto foi na necessidade de domínio de ferramentas educacionais para a geração de material instrucional e o terceiro impacto, talvez o mais desafiador, entender como o estudante se comporta dentro do ambiente virtual no qual já está habituado, só que agora com a natureza educacional formal.

E aqui entra o conceito de *heutagogia*, que envolve a autoaprendizagem, que valoriza as experiências práticas cotidianas e tem nelas o seu foco. Segundo Securatto (2017, p. 323), a *heutagogia* é “[...] o método pelo qual o aluno é quem define o quê, como e quando aprender [...]”. De alguma maneira, o ensino a distância e o ensino remoto, necessitam de um sujeito com maturidade para o efetivo sucesso do processo de aprendizagem. Esta maturidade perpassa também a figura do professor, só que neste caso, atrelado à vontade de fazer e ao conhecimento de métodos e técnicas. A inexistência desse conhecimento e dessa vontade, inevitavelmente, vai gerar ruídos nos processos de ensino e aprendizagem, tornando mais difícil o trabalho do docente e, conseqüentemente, o alcance daquele estudante *heutagógico*.

Em que pese o foco dado em algumas pesquisas à desigualdade social (como em STEVANIM, 2020; CUNHA *et al.*, 2020 e COUTO *et al.*, 2020 etc.), muitas vezes fica à margem a real penetração nas camadas sociais das redes sociais e também dos jogos digitais. Nesse sentido, a desenvoltura que muitos jovens possuem no ambiente virtual, tendo como recompensa a ludicidade e a liberação de dopamina – elementos essenciais dos jogos em geral e, em certa escala, do estímulo em participar das redes sociais – não é levada em consideração. O estudante de escolas urbanas já encontra-se no ambiente virtual, já está familiarizado com a rede e os jogos eletrônicos, segundo a pesquisa TIC Educação 2019, a qual indica que 93% dos alunos afirmaram já ter utilizado a Internet para pesquisas escolares e 98% destes utilizaram o celular para navegar na rede (CETIC, 2020).

Para além das questões socioeconômicas, a realidade imposta pela pandemia encontra um ambiente repleto de potencialidades para o ensino remoto, em particular pela presença da rede em diferentes momentos (trabalho, lazer, comunicação etc.) e que tanto docentes quanto discentes precisam focar o processo do ensino remoto com lentes distintas. O professor necessita “reaprender” ou “readaptar” os seus métodos, dominar a ferramenta e, mais que tudo, ter vontade de potência para realizar um verdadeiro salto entre o uso da tecnologia como acessório e o uso da tecnologia como ferramenta educacional. Já o estudante precisa enxergar a Internet e o seu suporte



com outros olhos, para além do lúdico, sabedor que a única convergência possível para um bom trabalho seja o esforço, a dedicação e a responsabilidade – sendo que tudo isto acaba por desembocar também na volição.

Para o ensino remoto se faz necessário um ambiente de confiança, controlado, autônomo em sua maioria de tempo e com a presença do professor mediando a ação educativa. Percebe-se que todos estes requisitos fazem parte do processo heutagógico, em que o resumo se dá com a maturidade dos atores do processo – professor e estudantes:

A heutagogia é uma aprendizagem autodeterminada que faz uso de estratégias de aprendizagem voltadas para alunos maduros, e modifica o conhecimento existente, para a criação de novos conhecimentos; incorporar os conceitos de aprender a aprender, descobrindo as melhores formas de aprender em cada indivíduo: visual, auditivo, sinestésico, gerando maiores oportunidades de criar e facilitar a aprendizagem. (MARQUÉZ, 2018 p. 16, tradução nossa).

Nesse sentido, talvez não seja possível separar ensino remoto de processo heutagógico, já que com a impossibilidade do professor em acompanhar ou tutelar o aluno – na ausência do presencial – acaba por levar à necessidade da confiança e da autonomia.

Para além da presença das TC, o processo heutagógico é o que vai acabar existindo nesse modelo de ensino remoto adotado nesses primeiros meses de pandemia. As metodologias ativas de ensino podem ser experimentadas a partir das diversas redes sociais; a mediação é corroborada pela possibilidade de interação contínua entre professor e aluno e, por fim, as tecnologias permitem um desprendimento dos métodos tradicionais, em que o estudante pode realizar atividades dinâmicas, compartilháveis e com uma performance muito próxima do que já vivencia no mundo virtual dos aplicativos sociais.

Por este motivo, o quadro que se desenha, a partir dos conceitos apresentados, não pode dissociar a tecnologia do humano e é justamente nessa confluência que é possível minimizar os prejuízos educacionais causados pela pandemia. Em que pese a iniciativa da Secretaria de Estado da Educação e de Ciência e Tecnologia em colocar, num prazo tão curto de tempo, uma estratégia minimizando o elemento humano, a crise imposta pela COVID19 deve ser vista não como algo negativo, mas como o gatilho para a ampliação do uso de ferramentas educacionais.

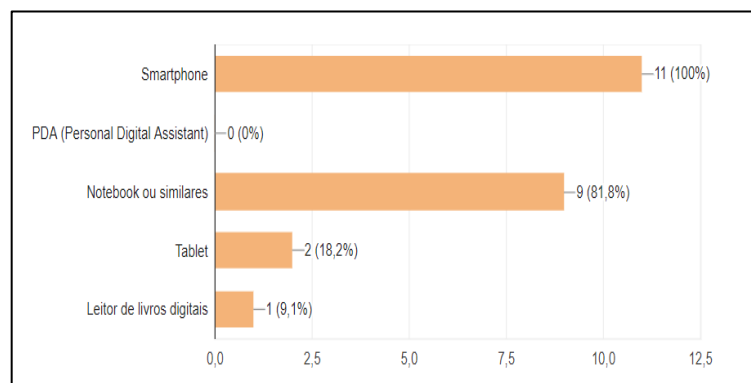
## Os dados iniciais

Como parte desse trabalho, apresentamos os dados coletados junto aos docentes participantes da pesquisa. O instrumento de coleta dos dados foi respondido por docentes de uma Escola Cidadã Integral, na cidade de João Pessoa-PB. Este instrumento atingiu um percentual de 78% de participação, totalizando assim 11 docentes. As informações foram obtidas a partir da aplicação de questionário estruturado *on-line* com perguntas e respostas, que permitiam aos docentes a escolha de uma ou mais alternativas, que fosse elemento integrante das práticas pedagógicas durante o período do ensino remoto, desenvolvidas pelos participantes da pesquisa.

O Gráfico 1 mostra os tipos de dispositivos móveis que os docentes mais utilizaram durante o ensino remoto.



Gráfico 1: Dispositivos móveis mais usados durante o ensino remoto.



Fonte: Dados da pesquisa coletados em agosto de 2020.

Em relação ao uso dos dispositivos móveis adotados pelos 11 docentes participantes desta pesquisa, destacam-se o *smartphone* e *notebook* e seus similares, pois eram os mais utilizados pelos docentes como recursos na mediação das atividades pedagógicas, conforme o Gráfico 1. Acreditamos que o *smartphone* se sobressai em relação aos outros dispositivos por se tratar de uma tecnologia mais acessível para grande parte da população, seja pelo valor, pela facilidade e possibilidades de uso, constituindo também o dispositivo mais utilizado pelos alunos, conforme conversa informal com eles e seus professores.

Todavia, nem todos os alunos possuíam seu próprio *smartphone*, tendo que utilizar o da mãe, por exemplo, e ainda compartilhar o uso com os irmãos, também estudantes. Acrescido a isso, muitos alunos não tinham acesso a banda larga de Internet, ficando limitados a pacotes de sua operadora que em muitos casos eram insuficientes para suprir as necessidades de todos os usuários. Esses fatores se refletem na baixa adesão dos alunos ao ensino remoto na Rede Estadual de Ensino da Paraíba, culminando em alguns casos em evasão escolar.

Vale ressaltar que os dispositivos utilizados pelos docentes no ensino remoto foram adquiridos com recursos deles, como também são responsáveis por custear pacotes de Internet para terem acesso às plataformas utilizadas no ensino remoto.

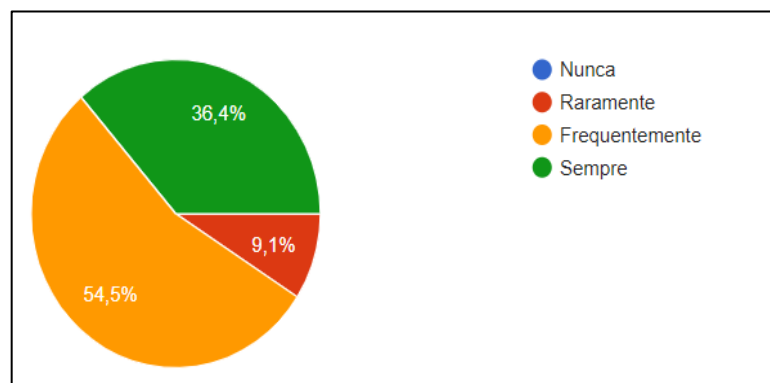
Dessa forma, ao longo dos 120 dias de implementação do ensino remoto na Rede Estadual de Ensino da Paraíba, podemos apontar que a ausência de apoio por parte do Governo Estadual para compra de dispositivos móveis e de pacotes de *Internet* para docentes e discentes se reflete de forma negativa, gerando desmotivação, evasão escolar e até mesmo uma visão pessimista e uma aversão em relação a essa modalidade de ensino.

No Gráfico 2, apresentamos a frequência de uso dos dispositivos móveis no ensino remoto pelos professores participantes da pesquisa.





Gráfico 2: Frequência de uso dos dispositivos móveis no ensino remoto.



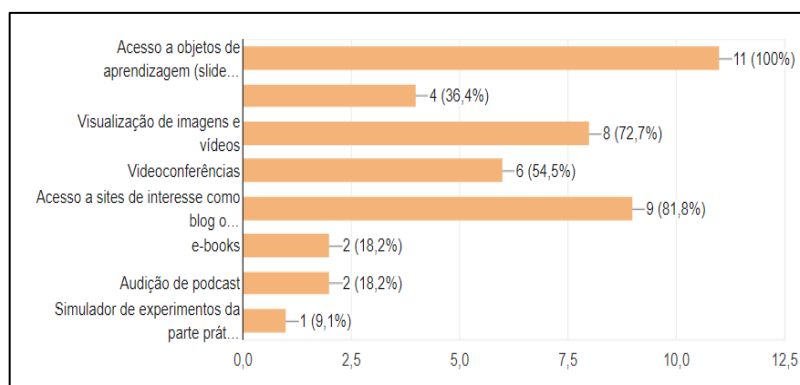
Fonte: Dados da pesquisa coletados em agosto de 2020.

Os participantes informaram uma frequência de uso razoável e regular dos dispositivos móveis, conforme o Gráfico 2. Associamos a essa proposição, uma estreita articulação com a nova proposta pedagógica durante o ensino remoto nas escolas estaduais da Paraíba. Outrossim, é indispensável ressaltar o contexto pandêmico proveniente da COVID-19, no qual todos os professores em específico desta escola passaram a utilizar com frequência os recursos tecnológicos para atender as exigências desse novo estilo de aula enquanto as aulas presenciais estiverem suspensas.

No intuito de conhecer as práticas pedagógicas mais desenvolvidas durante esses 120 dias de ensino remoto, perguntamos aos sujeitos da pesquisa quais das práticas mencionadas no questionário, eles costumavam realizar com mais frequência em suas aulas. As respostas estão dispostas no Gráfico 3, onde podemos observar que neste período de ensino remoto prevaleceu a utilização de materiais digitais disponíveis na Internet. Isto indica que os docentes da escola lócus da pesquisa ainda não produzem seu próprio material digital para utilizar nas suas aulas, aspecto este fundamental para tornar a aula mais criativa, estimulante e inventiva, capaz de envolver e desafiar o aluno para novas experiências de construção de novos conhecimentos e aprendizagem significativa.

Este aspecto também pode estar relacionado à evasão dos alunos, que diante de situações de aprendizagem onde ele continua passivo, sendo mero receptor de conteúdos, assim como ocorria no ensino presencial, o processo de aprendizagem perde sentido para ele, tornando-se enfadonho e desmotivador.

Gráfico 3: Práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino remoto.



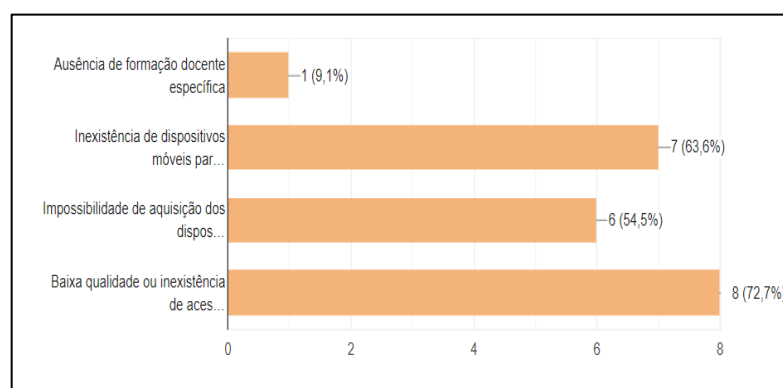
Fonte: Dados da pesquisa coletados em agosto de 2020.



No que diz respeito às práticas pedagógicas mediadas por dispositivos móveis durante o ensino remoto, percebe-se de acordo com os dados do Gráfico 3 que os docentes elencaram como práticas pedagógicas predominantes, o acesso a objetos de aprendizagem e o acesso a sites de interesse. Essas atividades se configuram como recurso pedagógico, uma vez que essas tecnologias são comumente mais utilizadas para o acesso às informações que estão disponíveis na rede, não estando seu uso, na grande maioria das vezes, voltado para a construção do conhecimento de forma mais colaborativa e dialogada.

Complementando essa questão, o Gráfico 4 apresenta as principais dificuldades apontadas pelos docentes nas práticas pedagógicas na modalidade de ensino remoto.

Gráfico 4: Dificuldades nas práticas pedagógicas durante o ensino remoto.



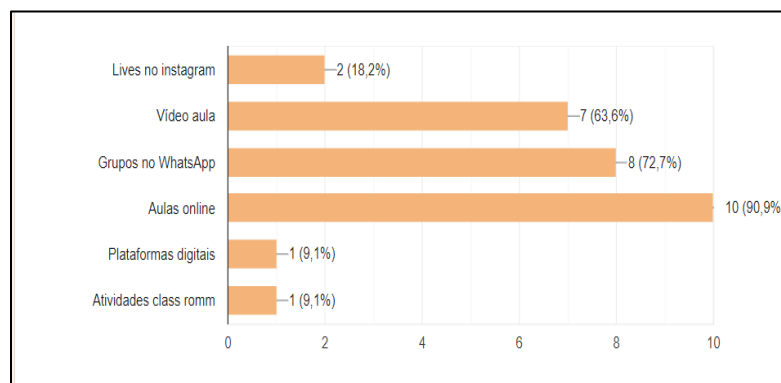
Fonte: Dados da pesquisa coletados em agosto de 2020.

As dificuldades elencadas no Gráfico 4 indicam que a maior dificuldade enfrentada pelos sujeitos da pesquisa consistiam na baixa qualidade ou inexistência de acesso à rede. Associa-se a essa proposição, uma evidente lacuna entre a aquisição de tecnologias digitais em estreita articulação com uma proposta pedagógica de apropriação e uso pelos docentes nas práticas pedagógicas. Em um contexto socioeconômico marcado por severas diferenças de acesso aos bens culturais, como é o caso do Brasil e, mais ainda, do Estado da Paraíba, a responsabilidade pela posse de tecnologias digitais não pode ser transferida aos docentes e discentes das instituições escolares. Isso porque, com o advento da pandemia provocada pela COVID-19, mais do que nunca, as tecnologias são elementos indispensáveis à realização das práticas pedagógicas.

O Gráfico 5 apresenta as estratégias de aprendizagem utilizadas durante o ensino remoto pelos docentes para potencializar e atender as necessidades dos seus alunos.



Gráfico 5: Estratégias utilizadas durante o ensino remoto.

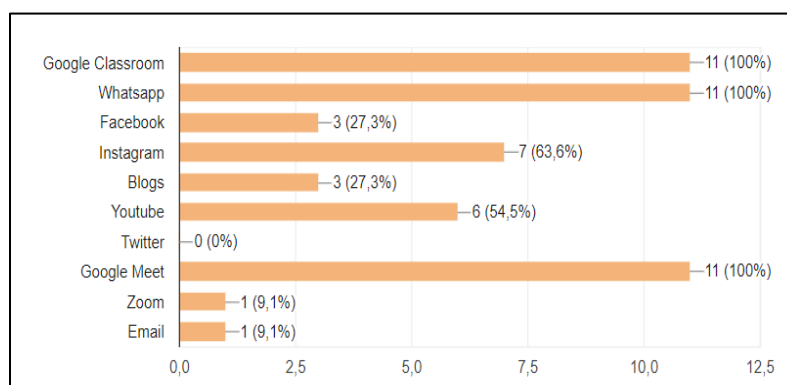


Fonte: Dados da pesquisa coletados em agosto de 2020.

O Gráfico 5 indica que 90,9% dos docentes usaram durante o ensino remoto a estratégia de aulas *on-line* através do *Google Meet*, de acordo com a grade de horário estabelecida pela escola. Observamos que o percentual de grupos no *WhatsApp* se aproxima consideravelmente do citado anteriormente. Isso implica dizer que, há um equilíbrio entre essas estratégias destacadas nesse item, pensando que os estudantes tiveram acesso às aulas e aos professores por meio dessas duas ferramentas. Porém, é importante ressaltar que essas atividades requerem um planejamento articulado com as intenções educativas dos docentes e discentes em práticas pedagógicas posteriores.

Passados 120 dias da implantação do ensino remoto na Rede Estadual da Paraíba, constatamos que os docentes da escola onde esta pesquisa foi realizada permanecem utilizando as plataformas sugeridas no início da implantação pelo Governo Estadual, como mostra o Gráfico 6.

Gráfico 6: Processo de Ensino e Aprendizagem durante o ensino remoto.



Fonte: Dados da pesquisa coletados em agosto de 2020.

Como podemos observar no Gráfico 6, os docentes utilizaram as plataformas do *Google Sala de Aula*, *WhatsApp* e *Google Meet* como principais ferramentas para mediar o processo de ensino e aprendizagem enquanto as aulas permaneceram suspensas e estava em vigor a modalidade de ensino remoto. Entendemos que o uso dessas plataformas contribuem e se destacam como benefícios educacionais, que poderão potencializar as práticas pedagógicas com vistas ao alcance dos objetivos estabelecidos, contribuindo para a construção de uma aprendizagem significativa dos conteúdos curriculares.



Cabe aqui observar que no instrumento de coleta aplicado para coletar dados para esta pesquisa não foram inseridas opções para detalhamento das contribuições identificadas pelos docentes, aspecto este que pode ser contemplado em pesquisas posteriores.

Nesse sentido, baseados nesses dados e nas informações complementares obtidas a partir de nossas experiências no ambiente lócus da pesquisa, em conversas informais com os docentes participantes da pesquisa e com discentes, apresentamos, em seguida, nossas conclusões.

## **Conclusão**

Com o início do regime especial de ensino nas escolas da Rede Estadual da Paraíba, decorrente do período pandêmico da Covid-19, diversos impactos educacionais e pedagógicos foram gerados, seja para os estudantes ou instituições escolares. Percebemos esses impactos na vida dos estudantes mais vulneráveis e marginalizados, envolvendo também suas famílias. Com o fechamento das escolas de forma inesperada, uma gama de problemas surgiram e visivelmente a fragilidade no sistema educacional do nosso país ficou bem mais acentuada.

Sabidamente, pais, mães e responsáveis não estavam preparados para o ensino remoto. Quando solicitados para auxiliar o acompanhamento das atividades dos seus filhos em casa, entravam em contato com a gestão escolar para justificar que não conseguiam realizar esta ação por diferentes motivos, destacando-se o nível educacional e recursos tecnológicos indisponíveis. Outra observação que diz respeito à família é que o desconhecimento dos objetivos intrínsecos ao aprendizado nunca esteve claro, mesmo quando se trata do ensino presencial, muito embora neste, o papel do professor é bem mais efetivo a cada encontro semanal. Nas aulas presenciais há um acompanhamento e um redirecionamento que acontece de acordo com a percepção do professor.

A pandemia serviu para escancarar a falta de uma maturidade voltada ao ensino remoto em quase todos os atores, sejam estudantes, pais ou professores. A capacidade de se auto direcionar – na ausência do encontro presencial – é fundamental para o sucesso do ensino à distância. Por outro lado, também apontou uma saída possível, mesmo que não a ideal, para diminuir os prejuízos causados pela COVID-19.

Mesmo os dados iniciais apontando para a problemática da evasão escolar, que neste contexto provavelmente se acentuará como resultado da falta do autodirecionamento falado anteriormente, os alunos que aderiram a essa modalidade de ensino podem ser pioneiros de uma geração que terá, cada vez mais, a tecnologia como parceira para além do lúdico.

Se uma parte dos estudantes se sentiram desestimulados com essa nova modalidade ou exista aqueles que não tiveram acesso às plataformas digitais utilizadas pela Rede Estadual de Ensino da Paraíba, resta saber quais as razões pelas quais estes sujeitos não encontraram sentido na escola e nos processos pedagógicos ou foram impedidos de fazer parte do processo. Ressalta-se que aqui há uma grande chance desse “desinteresse” não ser fruto da pandemia, mas do histórico social e pessoal.

Assim, por ordem, o primeiro grande desafio para aprendizagem em tempo de pandemia e ensino remoto é que uma parcela de estudantes não tem acesso à



Internet em casa, não possui computador, mas tão somente o dispositivo móvel para auxiliar nas aulas e atividades *on-line*. Em alguns casos, há um único celular na residência para ser utilizado por mais de um estudante, acrescido do fato da ausência de sinal de Internet. Para atender as necessidades desses estudantes, a escola precisou se organizar para implementar uma modalidade de ensino paralela ao ensino remoto, garantindo a esses alunos a entrega de atividades impressas e livro didático do aluno. Todavia, os processos de ensino e aprendizagem baseados na utilização desses materiais oferecem poucas, ou quase nenhuma, possibilidade de interação com os professores e com outros estudantes.

O segundo desafio que vale ressaltar é que o ensino remoto trouxe à tona o que já era um ponto de atenção na atuação dos docentes há algum tempo, no tocante a formação continuada voltada ao uso de tecnologias nas práticas pedagógicas. Não adianta investir em tecnologias de última geração se os professores não estiverem capacitados para utilizar tais ferramentas com os estudantes nos processos de ensino e aprendizagem. E o terceiro desafio é como estimular o estudante a se aproximar da ferramenta tecnológica para além do lúdico, inculcando questões tais como uma rotina de estudo, o interesse pelo conteúdo e o de saber a importância de cada interação pedagógica.

Um ponto positivo é que mesmo em meio a tantas dificuldades durante o regime especial de ensino, as escolas da Rede Estadual da Paraíba não ficaram estagnadas, procuraram se aliar ao uso das tecnologias para dar continuidade ao ano letivo e minimizar as lacunas na aprendizagem dos estudantes. De igual modo, uma parte considerável de professores percebeu a chance de uma capacitação em que seu interesse – para além da conjuntura educacional – pode ser o motor para uma ação mais heutagógica.

A utilização dos aplicativos e plataformas citados aqui aproximam os processos de ensino e aprendizagem da realidade de muitos estudantes inseridos na cultura digital, tornando os processos escolares mais modernos e inventivos. Essa realidade também vem como um alerta para o sistema educacional como um todo, mostrando a urgência de modernização da educação escolar, da necessidade constante de aperfeiçoamento da prática docente, assim como da responsabilidade da educação pública de disponibilizar para docentes e discentes os materiais didáticos e tecnológicos necessários para o desenvolvimento dos processos escolares.

Dessa forma, é preciso ampliar as estratégias de acesso ao ensino remoto pensando na equidade e inclusão, garantindo que a oferta de ensino a distância não agrave ainda mais as desigualdades educacionais e sociais já existentes. Ofertar o ensino remoto traz modificações nos ambientes de aprendizagem, demandando que estudantes desenvolvam cada vez mais a disciplina, o compromisso, a autonomia e a heutagogia para que, desta forma, construam novos conhecimentos e se tornem cidadãos.

Este artigo é tão somente o preâmbulo do que virá em termos de estudos sobre o contexto educacional pós-pandemia e o quanto o processo heutagógico se faz necessário para o sucesso do ensino remoto. Se esse não for o momento para se descobrir as confluências entre a realidade dinâmica do mundo virtual – diga-se as redes sociais e suas formas de interação – conjuntamente com a força e o poder das ferramentas digitais no mundo da escola formal, se perderá uma grande chance de se dar um salto, tímido talvez, em direção ao ensino remoto, híbrido e com o professor como mediador, mas também protagonista. Mesmo diante de uma realidade social





com discrepâncias econômicas, com a ausência de uma formação docente com ênfase nas ferramentas computacionais aqui citadas – somadas à inexperiência do estudante no que diz respeito ao uso das tecnologia contemporâneas voltadas ao ensino formal – ainda assim vislumbra-se a possibilidade de se avançar nas políticas públicas e, principalmente, nas experiências hoje protagonizadas em toda a rede de ensino.

## Referências

BRASIL confirma primeiro caso do novo coronavírus. **Governo do Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 01 out. 2020.

COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Tecnologias para Aprender**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. DE M. P. #fiqueemcasa: Educação na Pandemia da Covid-19. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 8, n. 3, p. 200-217. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777/3998>. Acesso em: 10 nov. 2020.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 10 nov. 2020.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos Digitais**. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os Significados do Letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de letras, 1995.

MARQUÉZ, Manuel G. P. **Fundamentos filosóficos y técnicas metodológicas en el aprendizaje heutagógico**, **EsSalud**, Lima 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). FACULTAD DE EDUCACIÓN Y HUMANIDADES, Universidad San Pedro. Chimbote, Peru, p. 73. 2018.

MENDONÇA, Helena Andrade. Construção de jogos e uso de realidade aumentada em espaços de criação digital na educação básica. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs.). **Metodologias Ativas Para Uma Educação Inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

MITCHAM, C. **Thinking through technology: the path between engineering and philosophy**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

MORENO, José Carlos. Do analógico ao digital como a digitalização afecta a produção, distribuição e consumo de informação, conhecimento e cultura na sociedade em rede. **Observatório Journal**, v. 7, n. 4, 2013.

ONRUBIA, Javier; COLOMINA, Rosa; ENGEL, Anna. Os ambientes virtuais de aprendizagem baseados no trabalho em grupo e na aprendizagem colaborativa. In: COLL, César; MONEREO, Carles. **Psicologia da Educação Virtual**: aprender e



ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PARAÍBA confirma primeiro caso de coronavírus. **Governo do Estado da Paraíba**, [2020a]. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/paraiba-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus>. Acesso: 01 out. 2020.

PARAÍBA. **Decreto nº 40.242, de 16 de maio de 2020**. Dispõe sobre a adoção, no âmbito da Administração Pública direta e indireta, de medidas temporárias e emergenciais de prevenção de contágio pela COVID-19 (Novo Coronavírus), bem como sobre recomendações aos municípios e ao setor privado estadual. Paraíba: Governo do Estado [2020b]. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/joao-azevedo-assina-novo-decreto-ampliando-isolamento-com-abrangencia-para-todos-os-municipios/Decreton40.242Prorrogaisolamento15.05.20convertido.pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

PARAÍBA. **Portaria nº 418, de 18 de abril de 2020**. Dispõe sobre a adoção, no âmbito da rede pública estadual de ensino da Paraíba, do regime especial de ensino, como medida preventiva à disseminação do COVID-19, e dá outras providências. Paraíba: Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia [2020c]. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doe/janeiro/abril/diario-oficial-18-04-2020-suplemento.pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (org.). **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2017.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, Roxane. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando? In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane (org.). **Língua Portuguesa**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de educação Básica, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7840-2011-lingua-portuguesa-capa-pdf&category\\_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7840-2011-lingua-portuguesa-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 06 ago. 2020.

SECURATTO, José Cláudio. **Onlearning: como a educação disruptiva reinventa a aprendizagem**. São Paulo: Saint Paul Editora, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

STEVANIM, Luiz Felipe. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. **RADIS: Comunicação e Saúde**, n. 215, p. 10-15, ago. 2020.

STREET, Brian V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TRÊS em cada quatro brasileiros já utilizam a internet, aponta a pesquisa TIC Domicílios 2019 [on-line]. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/>. Acesso em: 25 set. 2020.



TOMAEL, Maria Inês. **Redes de Informação: O ponto de contato dos serviços e unidades de informação no Brasil**. Londrina. v.10. nº 1/2. Jan./Dez. 2005.

---

**Recebido:** 15/11/2020

**Aprovado:** 14/12/2020

**Como citar:** TEIXEIRA, L. M.; FLÔR, M. R. G.; ALVARENGA, D. P. O ensino remoto e o conceito de heutagogia na pandemia de 2020 na Rede Pública Estadual de Ensino da Paraíba. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 6, Ed. Esp. Desafios e avanços educacionais em tempos da COVID-19, e157920, 2020.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

